



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA AGROALIMENTAR-CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SISTEMAS
AGROINDUSTRIAIS - PPGSA

ETNOPEDOLOGIA: O ESTUDO DAS ETNOCIÊNCIAS E A PRODUÇÃO DE
CERÂMICAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA OS RUFINOS

RODOLFO TRIGUEIRO DE ALMEIDA

POMBAL

2019

RODOLFO TRIGUEIRO DE ALMEIDA

**ETNOPEDOLOGIA: O ESTUDO DAS ETNOCIÊNCIAS E A PRODUÇÃO DE
CERÂMICAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA OS RUFINOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, como parte das exigências do programa de Pós-Graduação stricto sensu em Sistemas Agroindustriais – PPGSA, para obtenção do título de mestre.

Orientador: Dsc. Jussara Silva Dantas

POMBAL

2019

A447e Almeida, Rodolfo Trigueiro de.
Etnopedologia: o estudo das etnociências e a produção de cerâmicas na comunidade quilombola os Rufinos / Rodolfo Trigueiro de Almeida. – Pombal, 2020.
36 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, 2019.
“Orientação: Profa. Dra. Jussara Silva Dantas”.

Referências.

1. Quilombo. 2. Etnopedologia. 3. Produção de cerâmica. I. Dantas, Jussara Silva. II. Título.

CDU 94(81).027(043)



Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar



CAMPUS DE POMBAL

“ETNOPEDOLOGIA: O ESTUDO DAS ETNOCIÊNCIAS E A PRODUÇÃO DE CERÂMICAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA “OS RUFINOS””

Trabalho Final de Mestrado ao Curso de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais do Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Pombal-PB, em cumprimento às exigências para obtenção do Título de Mestre (M. Sc.) em Sistemas Agroindustriais.

Aprovada em 08/04/2019

COMISSÃO EXAMINADORA

Jussara Silva Dantas
Orientadora

Patrício Borges Maracajá
Examinador Interno

André Japiassú
Examinador Externo

POMBAL-PB
2019

CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA AGROALIMENTAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS

RUA: JAIR VIEIRA FEITOSA, 1770 - CEP.: 58840-000 - POMBAL - PB

SECRETARIA DO PPCSA: 3431-4016 COORDENAÇÃO DO PPCSA: 3431-4069



Scanned with
CamScanner

Aos meus pais,
Francisco Rodrigues de Almeida, e
Francisca Trigueiro de Almeida e a minha esposa
Por todo companheirismo
amor e afeto familiar,
DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, por min ajudar a enfrentar os desafios encontrados nos caminhos.

A minha esposa Rosaria e minha irmã Socorrinha, obrigado pela atenção e por fazerem parte de mais uma conquista acadêmica.

A minha orientadora, Professora DSc Jussara Silva Dantas e aos alunos do Projeto Solos na Escola/UFCEG Pombal que me conduziram durante mais de um ano de caminhada. Obrigado por toda a atenção e conhecimento que me cedeu neste período.

Aos meus companheiros de turma, pelo apoio, e ajuda.

A Universidade Federal de Campina Grande/CCTA na pessoa de DSc. Patrício Borges Maracajá, pela oportunidade e apoio durante todo o período que passamos.

Estendo meus agradecimentos a Aline Carla de Medeiros e a professora Virgínia de Fátima Nogueira, que me deram todo apoio durante esse processo de aprendizagem.

A todos os professores do curso, que contribuíram para minha formação e incentivaram todos os pequenos projetos ampliando os conhecimentos adquiridos em sala.

A todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente na conclusão de mais esta etapa de minha vida e que mesmo não citados aqui não deixam de merecer meu agradecimento.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Caracterização da área dos Rufinos.....	17
Figura 2 - Perfil/Gênero.....	19
Figura 3- Perfil/Idade.....	19
Figura 4 - Perfil/Total de Filhos.....	20
Figura 5 - Perfil/Habitação.....	20
Figura 6 - Perfil/Participação em programas do Governo.Federal.....	21
Figura7 - Perfil/Ocupação.....	21
Figura 8 - Perfil/Pessoas que trabalha na produção.....	22
Figura 9 - Perfil/ faixa de lucro mensal	22
Figura 10 - Perfil/ Percentual do financiamento pelo Governo	23
Figura 11- Perfil/ Formas de comercialização dos produtos	23
Figura 12- Perfil/ Relação Comunidade Quilombola.....	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 Atributos físicos do perfil 01.....	26
Tabela 02 Atributos químicos do perfil 01.....	26
Tabela 03 Continuação dos Atributos químicos do perfil 01.....	27

RESUMO

ALMEIDA, R. T. de. **Etnopedologia: O estudo das etnociências e a produção de cerâmicas na comunidade Quilombola os Rufinos**, 2019 35 f Dissertação (Mestrado) – programa de pós- graduação em Sistemas Agroindustriais, Universidade Federal de Campina Grande, Pombal, 2019.

O conhecimento etnopedológico não é uma criação da moderna ciência ocidental. Os chineses já tinham sistemas locais de classificação de terras, distinguindo-as em função da produtividade, há mais de 4000 anos. Com isso, neste trabalho procuramos compreender os dados coletados em entrevistas realizadas, analisando a forma de produção das cerâmicas na Comunidade Quilombola os Rufinos bem como o uso do solo daquela comunidade no município de Pombal-PB. A obtenção dos dados foi realizada com aplicação de questionário com artesã/agricultores que trabalham na produção de cerâmicas(louças). O estudo dos nomes locais de solos pode colaborar para o avanço do conhecimento formal, bem como para a elaboração de estratégias socialmente apropriadas de manejo. Se um(a) quilombola denomina alguns solos com base nas características da camada arável (barro de loiças, cabeça de tatu), isso não quer dizer que, necessariamente ele(a) desconheça o que está abaixo dessa camada. A Etnopedologia estuda as interfaces entre os grupos sociais, os solos e outros componentes dos ecossistemas; os conhecimentos locais sobre o solo; o uso e manejo do solo, a relação comunidade-solo homem-natureza. No intuito de observar as necessidades e as dificuldades encontradas no processo de produção e comercialização das louças desses produtores, o objetivo é estudar e analisar a relação das comunidades quilombolas com o uso do solo (etnopedologia), considerando seus aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais.

Palavras-chave: Quilombola, Produção, Etnopedologia

ABSTRACT

ALMEIDA, R. T. de. **Ethnopedology: The study of ethnosciences and the production of ceramics in the Quilombola os Rufinos** community, 2019 35 f Dissertation (Master's) - graduate program in Agroindustrial Systems, Federal University of Campina Grande, Pombal, 2019.

Ethnopedological knowledge is not a creation of modern Western science. The Chinese already had local land classification systems, distinguishing them according to productivity, more than 4000 years ago. With this, in this work we try to understand the data collected in interviews carried out, analyzing the way of production of ceramics in the Quilombola community in Rufinos as well as the use of the soil of that community in the municipality of Pombal-PB. The data were obtained using a questionnaire with artisans / farmers who work in the production of ceramics (crocker). The study of local soil names can contribute to the advancement of formal knowledge, as well as to the elaboration of socially appropriate management strategies. If a quilombola names some soils based on the characteristics of the arable layer (earthenware, armadillo head), this does not mean that, necessarily, he / she does not know what is below that layer. Ethnopedology studies the interfaces between social groups, soils and other components of ecosystems; local knowledge about the soil; the use and management of the soil, the community-soil relationship man-nature. In order to observe the needs and difficulties encountered in the production and marketing process of these producers' chinaware, the objective is to study and analyze the relationship of quilombola communities with land use (ethnopedology), considering their socioeconomic, environmental and cultural aspects.

Keyword: Quilombola, Production, Ethnopedology

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 ETNOPEDOLOGIA E OS SABERES LOCAIS.....	13
2.2 ETNOPEDOLOGIA E SUSTENTABILIDADE.....	15
2.3 SOLO E VEGETAÇÃO	Erro! Indicador não definido. 16
3 METODOLOGIA	17
3.1 Localização e caracterização da área de Estudo	17
3.2 Caracterização do meio físico(território) e estudo pedológico	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4.1 ANÁLISE DOS DADOS.....	18
4.1.1Etapa 1 – Caracterização do entrevistado e das atividades produzida na propriedade.	18
5 CONSIDERAÇÃO FINAIS	28
7 REFERÊNCIAS	
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

Há dez mil anos o homem tem preparado, drenado e irrigado solos para o uso agrícola e, ainda antes, o solo era usado como material de construção. Segundo Krasilnikov; Tabor (2003), desde o começo da civilização, o homem tem acumulado conhecimento sobre propriedades, métodos de manejo e de classificação do solo, de acordo com suas atividades produtivas.

A etnopedologia é definida através da combinação das ciências naturais e sociais (BARRERA-BASSOLS;ZINCK, 2000) com foco nas teorias locais sobre a dinâmica do solo e suas propriedades, envolvendo o manejo e percepção das relações solo-planta (WILLIAMS;ORTIZ- SOLORIO, 1981).

As pessoas que vivem no campo e trabalham com a terra reconhecem padrões de variação dos solos e os classificam, para se comunicar e localizar os diferentes solos de seus territórios. Assim, o conhecimento local, visando o domínio da exploração da terra, a manutenção oferta de recursos, a reprodução social e a conservação da cultura são construídos, aprimorado e transmitido oralmente por gerações.

A Pedologia substituiu a investigação etnopedológica pela necessidade de se criar uma ciência objetiva e padronizada para o estudo e classificação do solo. Nas classificações de solo populares, tipos idênticos de solo recebiam nomes diversificados, o que dificultava, por exemplo, o mapeamento da distribuição de um mesmo tipo de solo em uma região ou um país e a padronização de sua caracterização e classificação. Contudo os pedólogos continuaram recorrendo ao conhecimento indígena e ao campesino para o mapeamento de solos (KRASILNIKOV; TABOR, 2003).

A Etnopedologia utiliza métodos da Antropologia para suas pesquisas e intervenções, por lidar com interfaces entre processos sociais e ecológicos (TOLEDO 2000; TOLEDO, 2003; WINKLERPRINS;BARRERA-BASSOLS, 2004).

Alves (2008) explica que o prefixo “etno-”, empregado nas etnociências, se refere ao sistema de conhecimento e cognição característico de uma cultura. Cada cultura constrói uma etnociência singular, com modos particulares de classificar seu universo material e social. Williams e Ortiz-Solorio introduziram o termo “etnopedologia”, dando outro sentido ao termo etno adotado pelas etnociências, como ciência que trata do diálogo entre saberes populares e saberes técnicos sobre os solos.

Segundo Schaefer (1995) a experiência etnopedológica representa a extensão de uma abrangente cadeia de inter-relações entre o homem e a meio natural que ocorre no que tange à ecologia humana da paisagem. Considerada subcampo da Etnoecologia, a Etnopedologia é uma ciência híbrida; pois se estrutura pela combinação entre ciências como Pedologia, Geomorfologia, Antropologia, Geografia, Agronomia, etc. (BARRERA-BASSOLS, ZINCK, 2000). No Brasil é recente o interesse da comunidade científica pelas abordagens etnocientíficas (VALLEJO, 2002). Comparativamente ao que se tem publicado em áreas correlatas, como a Etnobotânica e a Etnozoologia, a Etnopedologia é uma área de conhecimento ainda pouco explorada (KRASILNIKOV;TABOR, 2003).

A Etnopedologia estuda as interfaces entre os grupos sociais, os solos e outros componentes dos ecossistemas; os conhecimentos locais sobre o solo; o uso e manejo do solo, a relação comunidade-solo (homem-natureza), etc. Os temas de análise são amplos, mas, usualmente, têm se centrado em conhecimentos de relevância para a produção agrícola, em detrimento de aspectos não agrícolas do uso do solo – artesanato (confecção de cerâmica) uso de madeiras e solo na construção de moradias, espécies vegetais características de determinados pedoambientes para a alimentação e o tratamento de enfermidades, costumes alimentares, pintura corporal em rituais, extração de sal, alimentação humana (geofagia), etc. (ALVES;MARQUES, 2005).

Dessa forma, os objetivos deste trabalho estão organizados em objetivo geral e objetivos específicos. De forma geral, estudar e analisar a relação da comunidade quilombola dos Rufinos no município de Pombal-PB com o uso do solo (etnopedologia), considerando seus aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais.

De modo específicos, criar uma área de conexão entre o sistema agroindustrial e a comunidade quilombola Rufinos no município de Pombal, a fim de fortalecer a identidade cultural através da agroecologia; aliar o conhecimento popular ao conhecimento científico, fortalecendo o desenvolvimento econômico das comunidades em estudo; identificar os principais usos do solo pela comunidade e as tecnologias usadas na produção de cerâmica.

Portanto, a escolha da Comunidade Quilombola Rufinos para a realização do estudo ocorreu em função da mesma ser destaque em produção de cerâmica (louças) no alto sertão paraibano e com grande número de artesã, onde através de visitas e estudos in loco percebemos a grande produção de artesanatos, louças e o conhecimento social enquanto ao uso do solo. O que vai contribuir também para que outras comunidades

quilombolas se envolvam na produção de cerâmicas, diminuindo assim o êxodo rural e a extinção de comunidades tradicionais, surgindo assim uma fonte geradora de renda para os quilombolas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ETNOPEDOLOGIA E OS SABERES LOCAIS

Os levantamentos etnopedológicos estão sempre presentes na origem de trabalhos realizados por pesquisadores de solos, já que é frequente, durante a etapa inicial de trabalhos de campo, a prática de obter informações junto à população local sobre algumas características dos solos pesquisados. Infelizmente, a descrição dessa etapa é, muitas vezes, suprimida nos relatórios de pesquisa. Mesmo assim, alguns autores têm fornecido informações que permitem perceber a existência de contato com as populações locais, no campo.

Um dos aspectos importantes da pesquisa etnopedológica está no fato de que o saber dos artesões é de caráter eminentemente local e, portanto, situado no espaço e no tempo. Isso explica a dificuldade que se tem em extrapolar os dados de pesquisa etnopedológica de uma região para outra (Queiroz;Norton, 1992), e ao mesmo tempo, justifica o uso do termo local (Antweiler, 1998; Winkler-Prins, 1999a) para adjetivar o conhecimento pedológico de populações rurais, em vez de popular, pois este representaria uma generalização inadequada. Neste sentido, Oudwater;Martin (2003) consideram que o conhecimento local não é um simples contraponto do conhecimento científico, pois também inclui conhecimento cultural e técnico, e está interligado às habilidades sociais e políticas dos povos. Exemplos podem ser observados no Glossário elaborado por CURI et al. (1993), em que o significado de alguns nomes populares de solos varia de um lugar a outro.

Segundo CORREIA (2005), a dificuldade de compreender a articulação entre os saberes locais sobre o ambiente com os estudos desenvolvidos pelas ciências naturais decorre da grande distância existente entre as ciências naturais e sociais. Pequena importância é dada aos saberes locais relacionados a solos e ambientes, os quais seguem determinados princípios éticos e de convivência com o meio que viabilizam a sobrevivência dos agricultores, sem que eles dependam dos recursos da tecnologia moderna.

“... o saber pedológico local é complexo, multifacetado e, freqüentemente, muito sutil em sua expressão. Envolve muitas experiências de tentativa-e-erro, mas também inclui processos científicos” (WINKLER-PRINS & SANDOR, 2003).

A identificação de solos empregada por técnicos e agricultores difere em alguns aspectos. Os primeiros utilizam o conhecimento indutivo, definidos a partir do particular para o universal, e informam mais sobre as características dos solos em si mesmos que sobre a sua capacidade de uso. Já o segundo segmento reconhece e classifica as terras de acordo com a sua utilidade, através do conhecimento dedutivo, definidos a partir do universal para o particular, com base na cultura local (WILLIAMS & ORTIZ-SOLORIO, 1981).

BOULAINÉ (1989) ressaltava um dos grandes desafios da ciência do solo:

“... vulgarizar os conhecimentos adquiridos e colocar à disposição todas as possibilidades que existem de melhorar consideravelmente o funcionamento dos solos.

Na tentativa de interligar os conhecimentos produzidos pela pedologia formal com aqueles existentes entre os agricultores surge como alternativa a etnopedologia. A etnopedologia representa um conjunto de abordagens interdisciplinares dedicadas a estudar as interfaces existentes entre os solos, a espécie humana e os outros componentes dos ecossistemas (ALVES *et al.*, 2005).

Considerada relativamente nova no meio acadêmico, a abordagem etnopedológica vem sendo lentamente reconhecida como um importante aspecto para subsidiar a elaboração de estratégias de desenvolvimento local, que sejam apropriadas às condições socioambientais de uma região (ALVES, 2004). Essa abordagem, porém, já vem passando por um longo processo de validação pelos povos indígenas (NORTON *et al.*, 1998; BARRERABASSOLS & ZINCK, 2000; BIRMINGHAM, 2003), que durante centenas de anos desenvolveram uma racionalidade ecológica e econômica sobre modelos de exploração das terras.

Para TOLEDO (2000), a etnopedologia é constituída pelo complexo *kosmos* (percepção) - *corpus* (conhecimento) - *praxis* (práticas de manejo), que articulam a sabedoria empírica do povo local sobre o solo. Observam-se nos estudos

etnopedológicos existentes que maior ênfase tem sido dada às questões comportamentais (*praxis*), com menor destaque para os conhecimentos (*corpus*) e menos ainda para a cosmovisão (*kosmos*) das populações em relação aos solos.

BARRERA-BASSOLS & ZINCK (2000, 2003)

destacaram que o objetivo inicial da etnopedologia foi documentar e compreender as abordagens indígenas sobre a percepção, identificação, uso e manejo dos solos. Uma das grandes virtudes da etnopedologia é permitir que, na geração de suas informações, sejam acoplados dados gerados por outras disciplinas, como a antropologia social, geografia rural, agroecologia, o que permite concluir que a etnopedologia é um campo epistemológico “híbrido”, estruturada a partir da combinação das ciências naturais e sociais (PAYTON *et al.*, 2003).

Em geral, os estudos de etnopedologia têm enfatizado o uso agrícola dos solos. Porém, ALVES (2004) demonstra a importância desses estudos em outros campos de aplicação como, por exemplo, em usos não-agrícolas associados a conhecimentos em cerâmica artesanal.

2.2 ETNOPEDOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

A etnopedologia pode dar uma significativa contribuição na sustentabilidade socioambiental de sistemas agrícolas na medida em que:

“... oferece caminhos para engajar agricultores locais em um diálogo sobre solos, em um formato que diz mais respeito à eles próprios e àqueles que buscam promover seus meios de vida através de projetos de desenvolvimento” (WINKLER-PRINS, 1999).

Desde a época de Dokuchaev, considerado “pai da pedologia moderna”, já se utilizavam termos populares eslavos como ‘*chernozem*’, ‘*solonetz*’ e ‘*gley*’ para mapear os solos da Rússia. O próprio Dokuchaev avaliou que:

“o mapeamento dos solos era realizado ora com base em depoimentos das populações locais, ora com base em observações de campo que normalmente consideravam apenas a cor do solo” (KRASILNIKOV & TABOR, 2003).

Diante desse cenário, é fundamental que seja aplausível a existência de diferentes saberes de conhecimentos sobre os solos entre grupos sociais, sejam de pesquisadores, agricultores, artesã e remanescentes de quilombolas, dentre outros, como forma de incluir esse saber pedológico social local nas estratégias de manejo sustentável de terras, possibilitando uma melhor aplicação dos resultados das pesquisas. WINKLERPRINS (1999) aponta para o surgimento de uma “terceira forma de conhecimento”, a partir do diálogo entre cientistas e populações locais, que represente uma integração salutar dos dois conhecimentos (local e científico), proporcionando a elaboração mais adequada de políticas públicas.

2.3 SOLO E VEGETAÇÃO

Solos sob vegetação natural apresentam variabilidade em seus atributos químicos (Montezano et al., 2006), resultante dos processos de formação e esta variabilidade varia tanto no sentido horizontal como no vertical. Além da variabilidade natural do solo, as práticas agrícolas de manejo e uso das terras são fatores adicionais de variabilidade. Estudos já foram realizados enfatizando variações causadas pelo próprio uso e manejo (Mello et al., 2006; Zanão Júnior et al., 2010), mas são escassas as informações que tratam desse tipo de variabilidade associada ao microrrelevo. Para Marques Júnior & Lepsch (2000), pequenas variações no gradiente do declive já são suficientes para causar variabilidade.

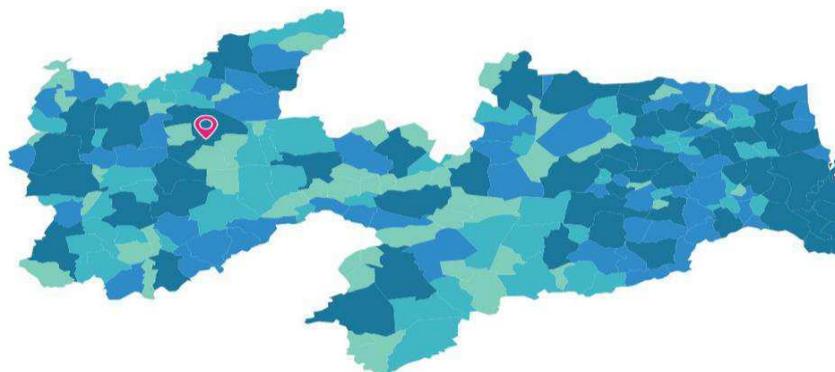
De acordo com Daniels & Hammer (1992), o fluxo, a distribuição sazonal e a quantidade de água são processos causadores de variabilidade espacial de atributos do solo pois podem condicionar ambientes com características diferenciadas, a partir da interferência no movimento de bases trocáveis. O relevo é o fator de formação do solo responsável por alterar sua umidade, a intensidade de ocorrência dos processos de erosão e lixiviação, seu microclima e o nível do lençol freático

3. METODOLOGIA

3.1 Localização e caracterização da área de Estudo

“A pesquisa foi desenvolvida na comunidade remanescente quilombola Os Rufinos, localizada no alto sertão paraibano precisamente no sitio São João I município de Pombal-PB, entre as coordenadas 6° 42’37” S 37° 45’ 35”O com elevação de 170 m.

Figura 1- Caracterização da área do Sitio São João I- Pombal-PB



3.2 Caracterização do meio físico(território) e estudo pedológico

Será realizado um levantamento dos aspectos físicos da área de estudo: clima, vegetação, geomorfologia e recursos hídricos.

O estudo etnopedológico será desenvolvido através de visita *in loco*, com aplicação de questionário semiestruturado, levando em consideração o foco no conhecimento local, com o levantamento de questões históricas de uso e ocupação do território, as práticas antigas e atuais; as datas marcantes que refletiram em mudanças de hábitos; as adversidades climáticas (os períodos de seca, as “cheias”). Será feito com os quilombolas, uma descrição detalhada e factível dos ecossistemas que formam o espaço produtivo da área em estudo, associado à visão do sistema produtivo para o núcleo familiar e sua relação com a dimensão do território como um todo.

Será feito um resgate do conhecimento local sobre os ambientes, as terras e os sistemas agroalimentares adotados pelos quilombolas, assim como a influência das condições socioeconômicas e políticas sobre a dinâmica da comunidade e do ambiente em que estão inseridos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram avaliados em duas perspectivas, ou seja, foram analisados quantitativamente quando considerado o número de produtores, e qualitativamente quando analisadas as respostas e sua relevância na condição social do produtor. Os dados foram organizados mediante a elaboração e estruturação de figuras em gráficos e tabela para facilitar a interpretação.

4.1.1 Etapa 1 – Caracterização do entrevistado e das atividades produzida na propriedade.

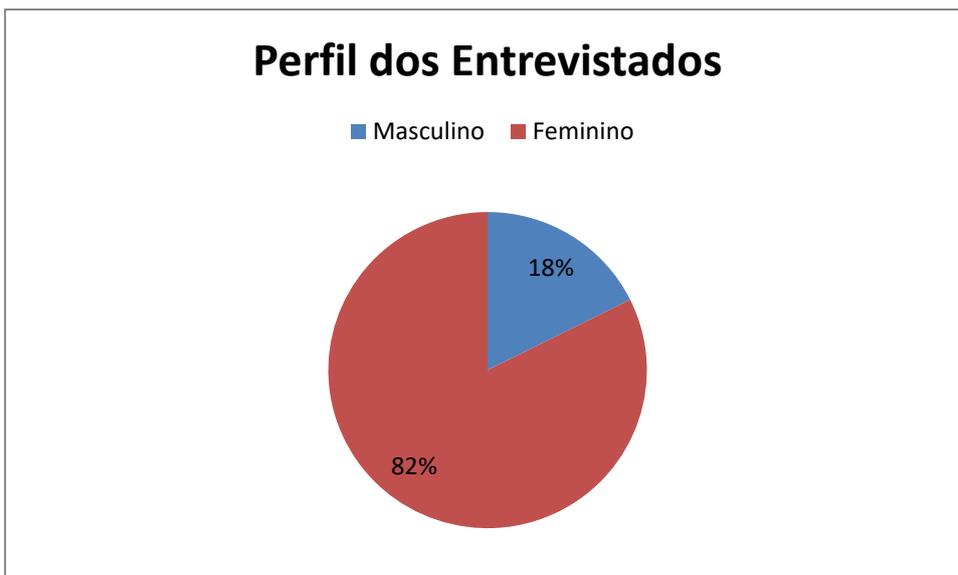
1. Perfil dos entrevistados

Nessa primeira etapa vai caracterizar o perfil dos Quilombolas, nos seguintes aspectos: Gênero, idade, habitação, ocupação, organizações da produção de cerâmicas, números de pessoas da mesma família que trabalha na produção, faixa de lucro mensal da produção, principal atividade realizada na propriedade, forma de comercialização dos produtos e (figura 1 á 11)

No que se refere ao perfil dos entrevistados, existe semelhanças entre eles, ou seja, ambos os quilombolas, na maioria das vezes, tem o mesmo valor de renda, o mesmo tipo de habitação, ocupação, o lucro mensal, tipo de produção realizada e também a forma de comercialização. Enfim, existem grandes paridades entre os produtores da comunidade.

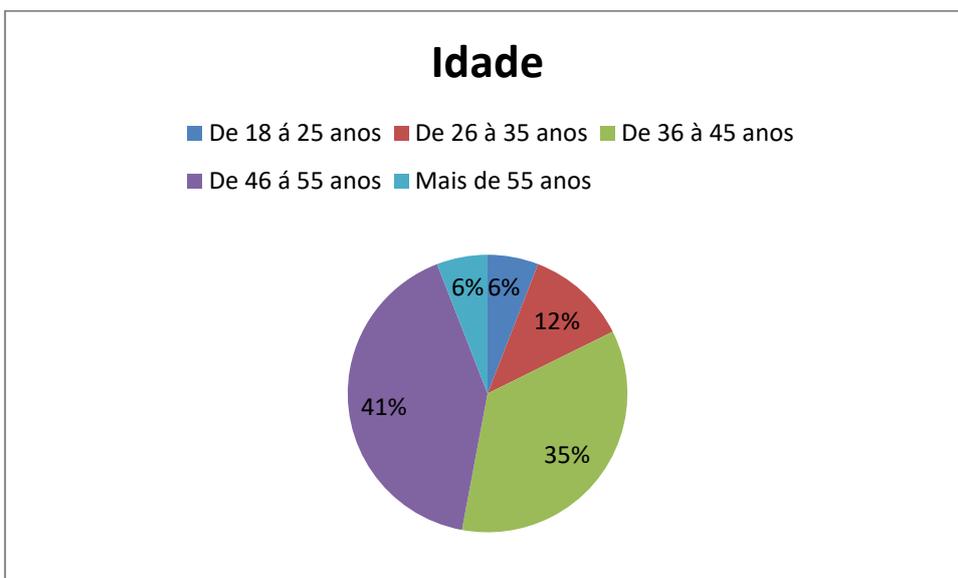
1.1 Perfil/Gênero

Sendo assim, foram entrevistados quinze Quilombolas, dentre eles, quatro (18%) do sexo masculino e onze (82%) do sexo feminino (figura – 3).



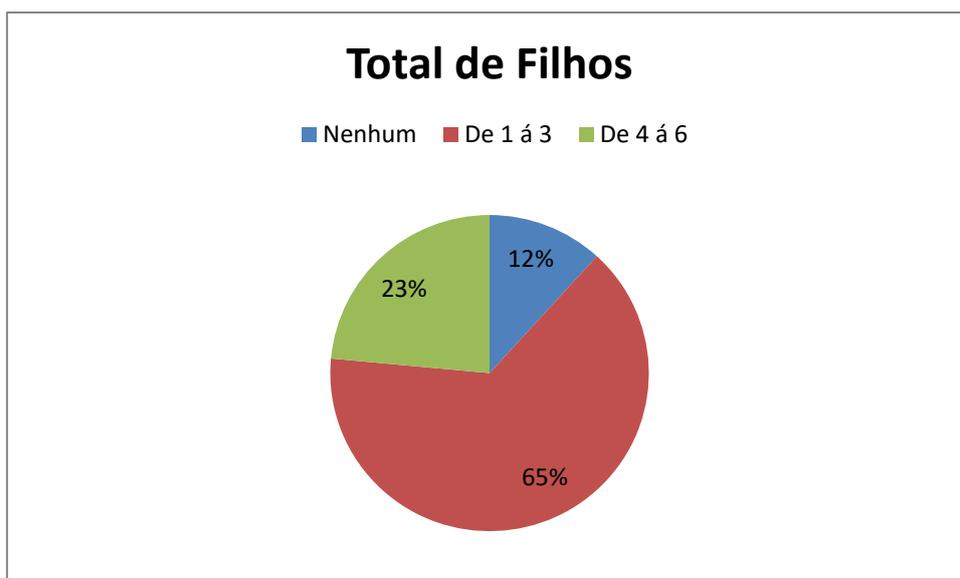
1.2 Perfil/Idade

Dos quinze Quilombolas entrevistados, um (6%) tem de 18 á 25 anos, três (12%) tem de 26 á 35 anos quarenta e cinco (41%) tem de 46 á 55 anos, quatro (35%) tem de 36 á 45 anos e dois (6%) tem mais de 55 anos (figura – 4).



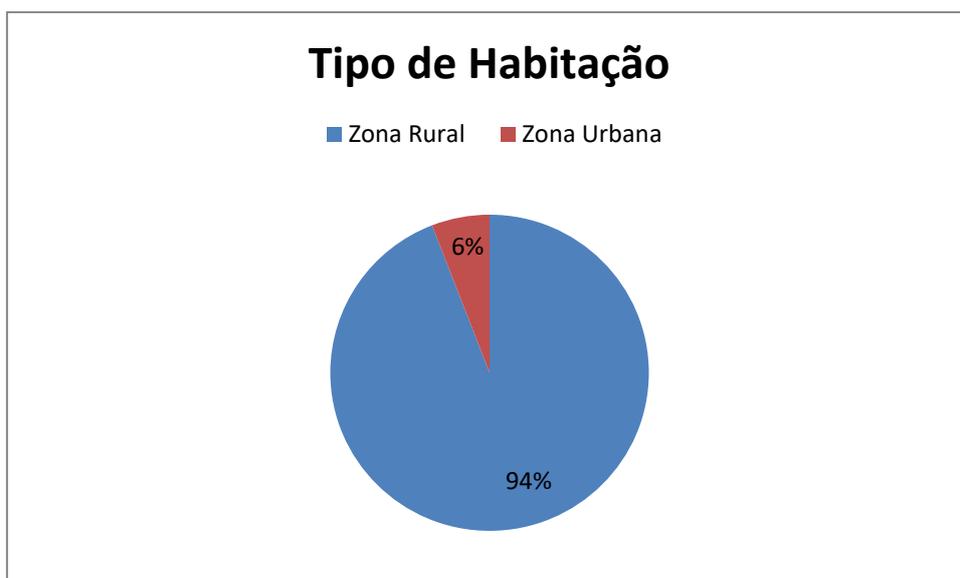
1.3 Perfil/ total de filhos

Dos quinze Quilombolas, dentre eles, três (12%) responderam que não tem filhos, cinco (23%) responderam que tem de 4 á 6 filhos e sete(65%) responderam que tem de 1 á 3 filhos.



1.4 Perfil/ Habitação

Dos quinze Quilombolas, onze (94%) residem na zona rural na própria comunidade Quilombola e quatro (6%) residem na zona urbana



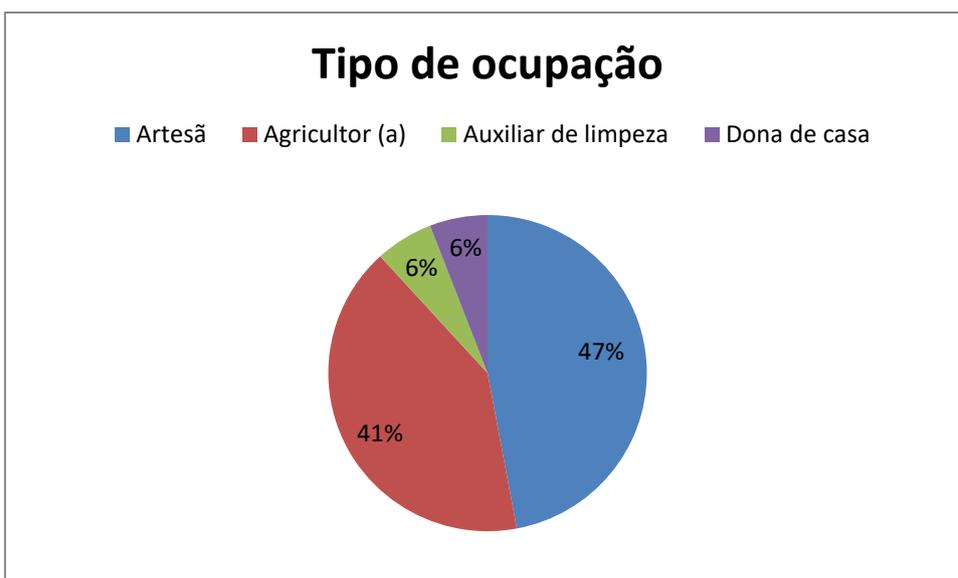
1.5 Perfil/ Participação em Programas do Governo Federal

Quando Questionados se eles recebem alguma renda para sustento da família nove (71%) responderam que tem o Bolsa Família e seis(29%) responderam que não tem outra renda sobrevive apenas das vendas da produção e agricultura



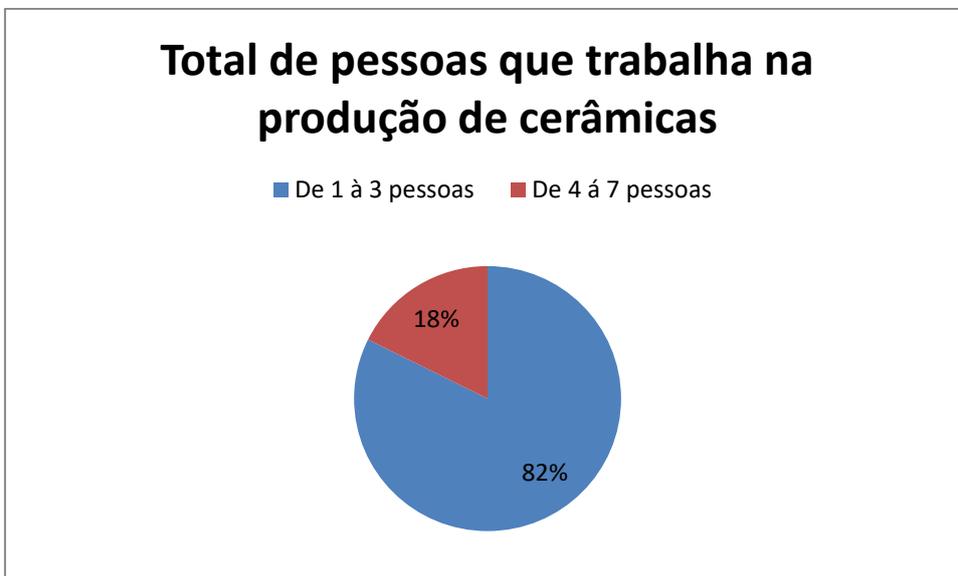
1.6 Perfil/Tipo de Ocupação

Quando os entrevistados foram indagados no que faz no dia a dia a grande maioria responderam que são artesã um total de (47%).



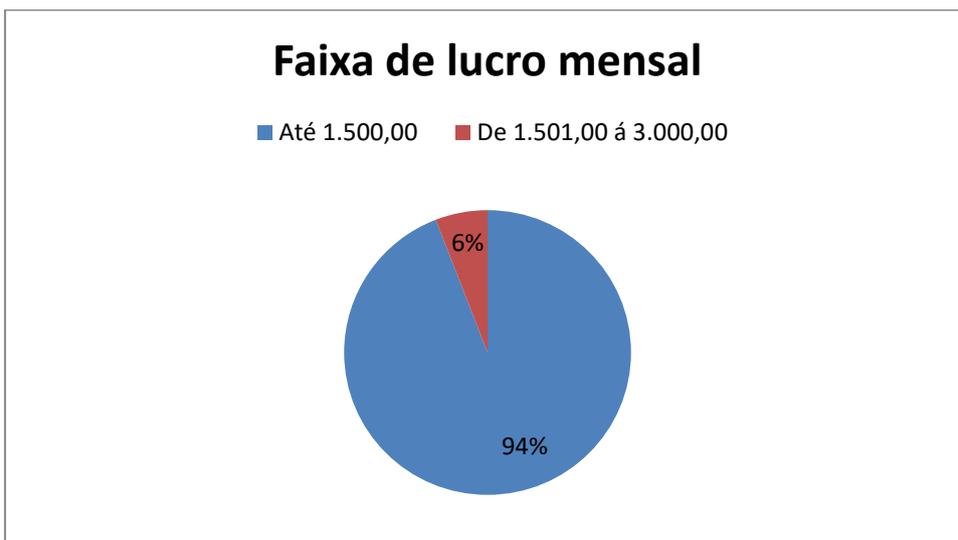
1.7 Perfil/Pessoas que trabalham na Produção

Um total de cinco quilombolas responderam que de 1 á 3 pessoas (18%) e dez responderam de 4 á 7 pessoas (94%).



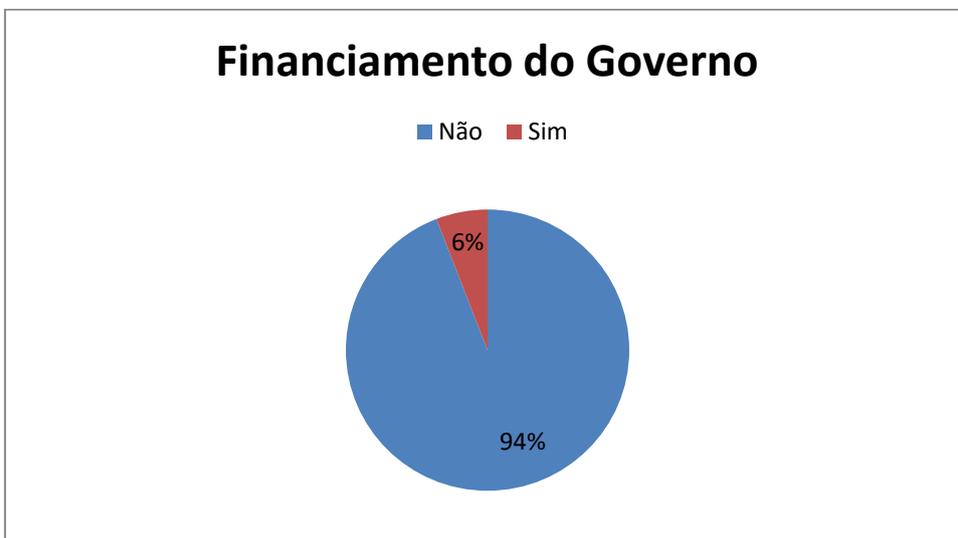
1.8 Perfil/ lucro mensal

Três quilombolas (6%) responderam que com a produção de cerâmicas tem um lucro acima de 1.500,00 e o restante dos entrevistados (94%) responderam que tem mês que se dá até 1.500,00 reais



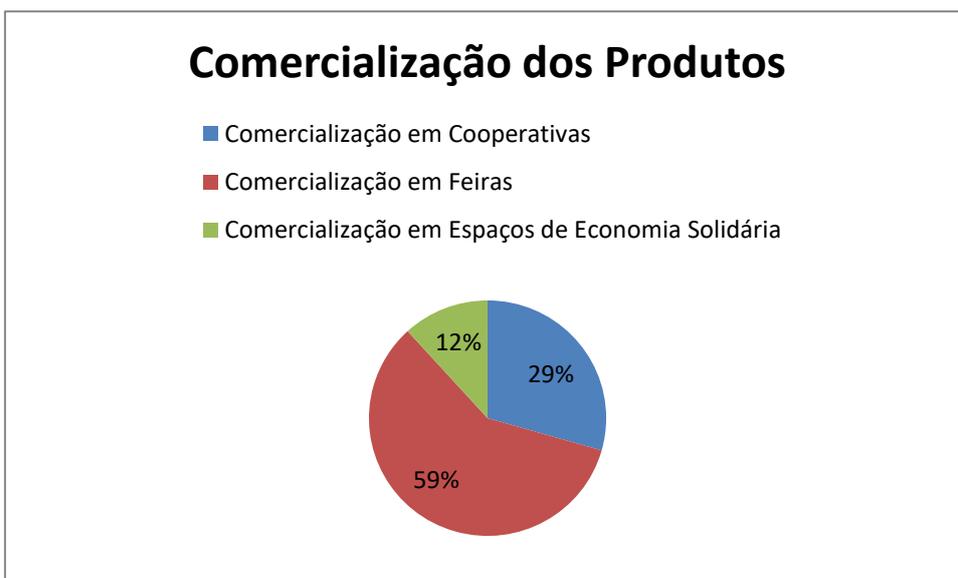
1.9 Perfil/Financiamento

Um total de (6%) responderam que recebem algum tipo de financiamento por parte de entes federativos ou outras ajudas e (94%) responderam que não recebe nenhum tipo de ajuda ou financiamento



1.10 Perfil/Comercialização dos Produtos

29% responderam que comercializa os produtos em Cooperativas na zona urbana, 59% responderam que vendem os produtos na feira no dia de sábado e 12% responderam que comercializa os produtos na casa da Economia Solidária na zona urbana.



1.11 Perfil/ Relação da Comunidade

Quando questionados se há uma boa relação da comunidade com os outros moradores da localidade 6% responderam que não há uma boa relação em muitas das vezes tem confusões entre outros e 94% responderam que há uma boa relação.



DESCRIÇÃO GERAL PERFIL 01

DATA - 04.08.2018

CLASSIFICAÇÃO SiBCS – PLANOSSOLO NÁTRICO Carbonático típico, textura média pouco cascalhenta, fase erodida, relevo suave ondulado.

UNIDADE DE MAPEAMENTO -

LOCALIZAÇÃO, MUNICÍPIO, ESTADO E COORDENADAS - Comunidade Rural Quilombola “Os Rufinos”, Sítio São João, a 22 km do Centro do Município de Pombal, Paraíba, coordenadas 6°42’37” S e 37°45’35” W Gr.

SITUAÇÃO, DECLIVE E COBERTURA VEGETAL SOBRE O PERFIL - Descrito e coletado em trincheira aberta manualmente, em barreira de extração de argila para confecção de cerâmica, com relevo suave ondulado e com cobertura vegetal nativa.

ELEVAÇÃO - 170 m.

FORMAÇÃO GEOLÓGICA: Super Suíte I - Suíte granítica calcialcalina de médio a alto potássio

CRONOLOGIA - Neoproterozóico

MATERIAL ORIGINÁRIO: Granito e granodiorito grossos a porfiríticos associados a diorito e a fases intermediárias de mistura.

PEDREGOSIDADE - Não pedregosa.

ROCHOSIDADE - Não rochosa.

RELEVO LOCAL - Suave ondulado.

RELEVO REGIONAL - Suave ondulado.

EROSÃO - Ligeira.

DRENAGEM - Moderadamente drenado.

VEGETAÇÃO PRIMÁRIA - Caatinga Hiperxerófila.

USO ATUAL - Extração de argila para confecção de material cerâmico.

CLIMA - BSh segundo Köppen-Geiger.

DESCRITO E COLETADO POR - Jussara Silva Dantas, Rodolfo Trigueiro, Jefferson Luan de Araújo Regis, Tiago da Silva Santos e Leonardo José Silva da Costa.

2.2 DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA PERFIL 01

- E 0-22 cm, bruno-escuro (7,5YR 3/3, úmida), bruno-amarelado-escuro (10YR 4/4, seca); francoarenosa pouco cascalhenta; moderado muito pequena a grande blocos subangulares; macia, friável, não plástica e não pegajosa; transição plana e clara.
- Bt1 22-69 cm, bruno-forte (7,5YR 5/8 úmida); francoargilosa pouco cascalhenta; forte pequena a muito grande colunar; muito dura, muito firme, muito plástica e muito pegajosa; transição plana e clara.
- Bt2 69-81 cm, bruno-amarelado (10YR 5/4, úmida); franco-argiloarenosa pouco cascalhenta; forte pequena a grande blocos angulares; muito dura, firme, ligeiramente plástica e ligeiramente pegajosa; transição plana e clara.
- Bt3 81-87 cm+, bruno-amarelado-escuro (10YR 4/4, úmida); franca pouco cascalhenta; forte pequena a grande blocos angulares; cerosidade abundante e forte; ligeiramente dura, friável, ligeiramente plástica e não pegajosa; transição plana e clara.

Observações: Solo com ausência de A, o A foi erodido.

Efervescência para Manganês no horizonte Bt1.

Efervescência para carbonato de cálcio no horizonte Bt3

Com a análise textural observou-se que o horizonte Bt₁, foi o único que apresentou predomínio da fração argila, sendo este denominado pela comunidade como “barro de loiça” por se tratar do único horizonte que se adequa nas condições para produção do artesanato em barro. Conforme a fração argila diminui a fração areia aumenta, isso explica o porque do único horizonte com considerável concentração de argila ser o único utilizado na produção das peças artesanais.

Tabela 1. Atributos físicos do perfil 01.

Hor.	Prof.	AREIA GROSSA	AREIA FINA	AT	ARG	SIL	S/A	GD	GF
	Cm	----- g.Kg ⁻¹ -----						-----%-----	
E	0-22	273	374	647	130	223	1,7	35	65
Bt ₁	22-69	171	211	382	396	222	0,5	74	26
Bt ₂	69-81	100	438	538	199	263	1,3	70	30
Bt ₃	81-87	89	427	516	198	286	1,4	59	41

Hor.: Horizonte; Prof.: Profundidade; AT: Areia Total; ARG: Argila; SIL: Silte; ADA: Argila Dispersa em Água; S/A: Relação Silte-Argila; GF: Grau de Flocculação.

A relação silte/argila apresentou baixas proporções, isso é um indicativo de solos pouco intemperizados típico de regiões semiáridas onde acontece pouca ação do intemperismo químico.

Tabela 2. Atributos químicos do perfil 01.

Hor.	Prof.	pH		M.O.	Na ⁺	K	P	Mg ⁺²	Ca ⁺²	Al ⁺³	H+Al
	cm	H ₂ O	CaCl ₂	g kg ⁻¹	-----mg/dm ³ -----			----- cmol _c dm ⁻³ -----			
E	0-22	6,1	-	6,73	0,17	43,01	4	2,1	3,4	0,0	3,1
Bt ₁	22-69	5,6	-	7,34	1,96	66,47	0,8	14,1	11,2	0,0	4,5
Bt ₂	69-81	7,0	-	3,26	3,97	35,19	792	13,3	11,0	0,0	0,0
Bt ₃	81-87	7,8	-	2,04	6,46	46,92	506	17,2	14,7	0,0	0,0

Hor.: Horizonte; Prof.: Profundidade; M.O.: Matéria Orgânica; Na⁺: Sódio; K: Potássio; P: Fósforo; Mg⁺²: Magnésio; Ca⁺²: Cálcio; Al⁺³: Alumínio; H+Al: Hidrogênio+Alumínio.

O perfil apresenta uma variação do pH em água, sendo ácido nos horizontes E e Bt1 e alcalino nos horizontes Bt2 e Bt3. As baixas concentrações de matéria orgânica no solo é explicada pelo detrimento da escassez de vegetação ao entorno do perfil de solo.

Tabela 3. Continuação dos atributos químicos do perfil 01.

Hor.	Prof.	SB	t	CTC	V	m	PST
	cm	-----	cmol _c dm ⁻³ -----		-----	% -----	
E	0-22	5,8	5,8	8,9	65	0	1
Bt ₁	22-69	27,4	27,4	31,9	86	0	7
Bt ₂	69-81	28,4	28,4	29,4	100	0	14
Bt ₃	81-87	38,5	38,5	38,5	100	0	15

Hor.: Horizonte; Prof.: Profundidade; SB: Soma de Bases Trocáveis; T: Capacidade de Troca de Cátions Efetiva; CTC: Capacidade de Troca de Cátions a pH 7,0; V: Percentagem de Saturação por Bases; m: Percentagem de Saturação por Alumínio; PST: Percentagem de Sódio Trocável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida para avaliar o processo de produção e comercialização das cerâmicas (louças de barro) por meio dos artesãos/agricultores participantes da Comunidade Quilombola os Rufinos localizada no município de Pombal– PB. Para atingir o objetivo geral foi feito uma avaliação e estudo do solo e material utilizado na produção das louças.

O conhecimento da área de estudo, adquirido a partir dos diversos trabalhos de campo realizados, associado à qualidade do banco de dados, foi fundamental no processo de classificação do solos na comunidade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. G. C. Pesquisando pesquisadores: aspectos epistemológicos na pesquisa etnoecológica. In: LX Reunião Anual da SBPC, 2008, Campinas. Registros da LX Reunião Anual da SBPC. Unicamp: SBPC, 2008.

ALVES, A.G.C. et al . Caracterização etnopedológica de Planossolos utilizados em cerâmica artesanal no Agreste Paraibano. Rev. Bras. Ciênc. Solo, Viçosa, v. 29, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010006832005000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-06832005000300008>.

ALVES, A. G. C. et al. Por que estudar os nomes dados aos solos pelos camponeses?. Boletim informativo. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Vol. 31, n. 1, 2006.

ALVES, A. G. C.; MARQUES, J. G. W. 2005. Etnopedologia: uma nova disciplina? Tópicos em Ciência do Solo, 4: 321-344.

ALVES, A. G. C.; SOUTO, F. J. B. Etnoecologia ou Etnoecologias? Encarando a diversidade cultural. In: ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves; SOUTO, Francisco José Bezerra; PERONI, Nivaldo (Org.). Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação. Recife: Nupeea, 2010. p. 17-39.

ANDRADE, M.C de. A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1986.

ANDRADE-LIMA, D. 1981. The caatinga dominium. Revista Brasileira de Botânica. 4:149-153.

ARAÚJO, F. S. et al. Variações estruturais e florísticas do carrasco no Planalto da Ibiapaba, Estado do Ceará. Revista Brasileira de Biologia 59(4): 663-678, 1999.

ARRUDA, D.M. et al. (no prelo). Phytogeographical patterns of dry forests stricto sensu in northern Minas Gerais State, Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências.

ARRUTI, J.M.A. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana [online]. vol.3, n.2, pp. 7-38 1997.

BARRERA-BASSOLS, N.; ZINCK J.A. Ethnopedology: a worldwide view on the soil knowledge of local people. Geoderma. 111: 171–195, 2003.

- BRANCO, S. M. Conflitos conceituais nos estudos sobre meio ambiente. *Estudos avançados*. vol. 9, n.23, p. 217-233, 1995.
- BRANDÃO, M. Área mineira do Polígono das Secas; cobertura vegetal. *Informe Agropecuário*. v. 17, p. 5-9, 1994.
- BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral. Projeto RADAM. Folha SD.23 Brasília: levantamento de recursos naturais: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1982. 660
- CAMARGO, P.M. Quilombos de Minas Gerais no século XXI. Pp. 183-201. In: WILDHAGEN, C.D. (Org.) *Diálogos sociais: caminhos para o desenvolvimento territorial: novas abordagens*. 1ª. Ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.
- CAMBAUVA, L.G; SILVA, L.C; FERREIRA, W. Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. v.3, p. 207-227, 1998.
- CARVALHO, M. E. R. de . A estruturação do poder 'público' municipal no Brasil do século XVIII. *Saberes Interdisciplinares*, v. 1, p. 145-168, 2007.
- CASTELLS, M. *O poder da Identidade: a era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: Lopes, L. e Bastos, L. (org.) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- MARQUES JUNIOR, J.; Lepsch, I. F. Depósitos superficiais neoceno-zóicos, superfícies geomórficas e solos em Monte Alto, SP. *Geociências*, v.19, p.265-281, 2000.
- MONTEZANO. Z. F.; Corazza, E. J.; Muraoka, T. Variabilidade espacial da fertilidade do solo em área cultivada e manejada homogeneamente. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, v.30, p.839-847, 2006.
- ZANÃO JÚNIOR, L. A.; Lana, R. M. Q.; Guimarães, E. C.; Pereira, J. M. A. Variabilidade espacial dos teores de macronutrientes em Latossolos sob sistema plantio direto. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, v.34, p.389-400, 2010.

APÊNDICE



Figura 01. Paisagem do Perfil PLANOSSOLO

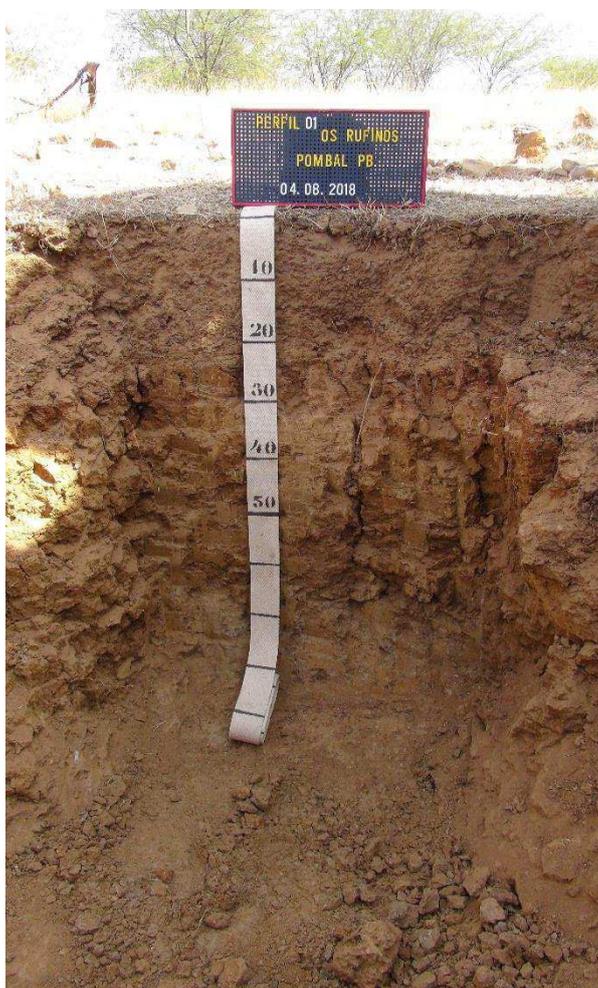


Figura 02. Perfil PLANOSSOLO



Figura 03. Classificação utilizada pela Comunidade Quilombola “Os Rufinos”



Figura 04. Acompanhamento da Comunidade Quilombola “Os Rufinos” na classificação do perfil



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCA
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA AGROALIMENTAR-CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SISTEMAS
AGROINDUSTRIAIS - PPGSA

Questionário Aplicado na Comunidade Quilombola

Questionário/ Socioeconômico

1. Perfil dos entrevistados

SEXO Masculino () Feminino ()

Qual sua Idade?

() Menos de 18 anos

() 36 a 45 anos

() 18 a 25 anos

() 46 a 55 anos

() 26 a 35 anos

() Mais de 55 anos

Quantos filhos?

() Nenhum () 1 à 3 () 4 à 6 () 7 à 9 () mais de 9

Quantas pessoas moram na residência?

() 1 à 3 () 4 à 6 () 6 à 9 () Mais de 9

Tipo de habitação?

() Zona Rural

() Zona Urbana

Você participa de algum programa de renda do governo?

() Bolsa escola

() Bolsa família

() Não participo

() Outro _____

Qual sua ocupação?

- Agricultor(a)
- Dona de casa
- Nenhuma
- Auxiliar de limpeza
- Professor(a)
- Pescador
- Porteiro
- Motorista

Contando contigo e os membros de sua Família, quantas pessoas trabalham na produção?

- 1 até 3 pessoas
- 4 á 7 pessoas
- 8 á 15 pessoas
- Mais de 15 pessoas

Qual a faixa de lucro mensal da produção de loucas?

- até 1.500,00
- De 1.501,00 á 3.000,00
- De 3.001,00 á 5.000,00
- De 5.001,00 á 8.000,00
- Acima de 8.000,00

Recebe algum financiamento por parte do Governo Federal ou Estadual?

- SIM NÃO

Qual a principal forma de Comercialização dos Produtos?

- Comercialização em Cooperativas, Comercialização em Feiras, Comercialização em Espaços de Economia Solidária

Como é a relação da Comunidade Quilombola com a vizinhança? Existem conflitos?

- SIM NÃO

ENTREVISTADO (A):